



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
cerimônia de inauguração da Usina de Aimorés – Hidrelétrica Eliezer
Batista**

Aimorés-MG, 05 de maio de 2006

Meu caro governador do estado de Minas Gerais, Aécio Neves,
Meu caro governador do estado do Espírito Santo, Paulo Hartung,
Deputados federais João Magno, Leonardo Monteiro, Mário Assad
Júnior e Mauro Lopes,

Meu caro Eliezer Batista, ex-presidente da Companhia Vale do Rio
Doce,

Meu caro Silas Rondeau, ministro de Minas e Energia,

Hélio Costa, ministro das Comunicações,

Alaerte da Silva, prefeito de Aimorés,

Meu caro Pimentel, prefeito de Belo Horizonte,

Meu caro Roger Agnelli, diretor-presidente da Companhia Vale do Rio
Doce,

Meu caro Djalma Bastos de Moraes, diretor-presidente da Companhia
Energética de Minas Gerais,

Meu caro Murilo Ferreira, diretor-executivo de participações e novos
negócios da Companhia Vale do Rio Doce,

Meu querido companheiro João Carlos Cozer, prefeito de Vitória,

Meu caro Lastênio Luiz Cardoso, prefeito de Baixo Guandu,

Meu caro Alcino José Nicoli, prefeito de Itueta,

Meu caro Almir de Souza Muniz, prefeito de Resplendor,

Deputados estaduais Elisa Costa e José Henrique,

Demais prefeitos da região,



Vereadores,

Meus amigos, minhas amigas da imprensa de Minas e do Espírito Santo,

Nós estamos participando da inauguração de uma usina, e sempre que eu posso eu digo que Deus escreve certo por linhas tortas. Muitas vezes, é necessário acontecer um desastre para a gente saber como se comportar, tirando lições daquilo que aconteceu no nosso país.

A verdade é que oferecer energia para uma empresa, para um investimento é, possivelmente, o maior atrativo que uma cidade, um estado ou nação pode oferecer, porque mão-de-obra qualificada pode-se trazer de outros lugares, máquinas pode-se comprar em outros, mas a energia tem que ser produzida, não tem como você colocar num avião e carregar um pouco de energia para produzir e para montar uma fábrica.

E foi com o apagão de 2001 que eu acredito que os 180 milhões de brasileiros e todos aqueles que governam qualquer coisa neste país tomaram consciência de que nós não podemos mais correr risco no Brasil. E começamos então, a partir daquela lição, a fazer algumas lições de casa que precisavam ser feitas.

Primeiro, nós tínhamos no Brasil 45 hidrelétricas que estavam projetadas, mas todas elas tinham algum problema a ser resolvido, ou de projeto, ou de impacto ambiental. E eu quero, aqui, aproveitar para dizer para vocês que toda vez que eu ouço um discurso reclamando de que o Ibama estadual, ou a Secretaria do Meio Ambiente estadual, ou o Ibama nacional, ou o Ministério do Meio Ambiente estão dificultando a construção de um projeto qualquer, é importante a gente lembrar que esses organismos, na verdade, esses órgãos estão cumprindo a legislação estadual e a legislação federal. Portanto, eles não estão inventando, eles estão apenas cumprindo os artigos das leis que são cada vez mais duras e cada vez mais punitivas para as pessoas que cometerem qualquer deslize com um crime ambiental.



No Brasil, antigamente... eu vou dar um exemplo: hoje nós não construiríamos Itaipu no Brasil, porque se foi possível construí-la na década de 70, no século XXI, em 2006, muitos dos que estão aqui hoje estariam fazendo manifestações e passeatas contra a construção de Itaipu. E nós temos outros grandes projetos no Brasil que têm problemas sérios e, muitas vezes, quando alguém do Ibama estadual ou alguém da Secretaria de Meio Ambiente estadual ou federal se nega a dar um licenciamento prévio para funcionar uma obra, é porque sabe que se o Ministério Público for acionado, a primeira coisa que será colocada em disponibilidade serão os bens de quem autorizou.

Então, você faz uma lei autorizando e ao mesmo tempo faz uma lei punindo o fato dele ter autorizado, e as pessoas, muitas vezes, preferem não autorizar para não incorrer em problemas. Então, esse é um problema que hoje exige muito mais cuidado. Se três décadas atrás, ou quatro décadas atrás, fizessem aqui o discurso que fez o Eliezer Batista e o discurso que fez o Paulo Hartung, nós não estaríamos falando na recuperação das margens do rio, porque não teríamos degradado o rio.

Então, hoje está muito mais difícil fazer as coisas. Nós temos nesse momento, no Brasil, das 45 hidrelétricas, umas 30 já foram liberadas, várias privadas, muitas inauguradas pela Companhia Vale do Rio Doce, mas nós temos alguns grandes projetos ainda no Brasil, e todos eles com muita pendenga no poder Judiciário. Quando você pensa que está terminando, que você venceu a última batalha, um promotor de uma cidade entra com uma ação e a obra pára outra vez.

Eu acho que tem que ser assim mesmo, porque quanto mais nós formos exigidos, mais competentes nós seremos para fazer as coisas bem feitas. As gerações passadas não eram obrigadas a ter a dimensão que nós temos hoje sobre meio ambiente e nós não somos obrigados a ter a dimensão que terão os nossos netos e os filhos dos nossos netos. A Humanidade está percebendo que o seu espaço está ficando cada vez mais comprimido no Planeta, o ar está



cada vez mais poluído, a água está ficando rareada em muitas partes do mundo, as florestas estão ficando rareadas, e a qualidade de vida só tende a piorar se a gente não der um passo atrás.

Esses dias, o Congresso Nacional aprovou uma coisa importante, uma emenda constitucional que permite ter 300 milhões fixos por ano, durante 20 anos, para que a gente possa recuperar toda a margem do rio São Francisco e fazer saneamento básico em todas as cidades que estão à beira do rio São Francisco. Mas, para que o Congresso tomasse consciência da necessidade de fazer isso, foram obrigados o “Velho Chico” e as pessoas que moram perto do “Velho Chico”, a ficar chorando durante muito e muito tempo, porque no Brasil é mais fácil falar do que fazer. Falar “preservar” é muito simples, preservar é uma questão de responsabilidade e nem todos os governantes trabalham com responsabilidade na hora de preservar. Às vezes, é melhor tirar tudo, como se fosse raspar a cabeça careca, sabendo que pode causar um dano à própria saúde da pessoa que raspou a cabeça.

Eu estou dizendo isso para chamar a atenção de vocês, porque nós temos Belo Monte, que é uma grande hidrelétrica do estado do Pará, que foi pensada para 11 mil megawatts, e ela dificilmente será autorizada com mais de 6 mil megawatts. Está aí o Silas, que pode dizer. Nós temos duas hidrelétricas no rio Madeira, que são hidrelétricas acima de 4 ou 5 mil megawatts. Para construir essas duas hidrelétricas, vai ser uma guerra, primeiro dentro do próprio governo: o Ministério de Minas e Energia quer fazer, e o Ministério do Meio Ambiente, quer cumprir a lei. Segundo, vai ser uma guerra da sociedade, porque certamente não faltarão liminares na Justiça de cada cidade por onde vai passar o rio Madeira. E nós sabemos, porque outra vez o que aconteceu com a Bolívia é um outro aviso para nós, como foi o apagão, é um outro aviso para nós. O apagão, sábios como o Djalma Moraes sabem que, não foi falta aviso. Milhares ou centenas de técnicos neste país alertaram que nós íamos ter um colapso. Algumas pessoas não quiseram acreditar e o colapso veio. E o



que é importante saber é que naquele tempo você tinha excesso de energia da região Sul do país e não tinha linha de transmissão para transmitir para o Sudeste do país.

Foi por isso que nós tomamos a atitude de trabalhar com muita rapidez a questão das linhas de transmissão. Fizemos os últimos leilões no final do ano passado, de linhas de transmissão que vão começar a entrar em funcionamento no ano que vem. E, ao concluir as linhas de transmissão no ano que vem, nós teremos feito, em cinco anos, no Brasil, 22% de tudo o que foi feito em 122 anos, tentando interligar, definitivamente, todo o sistema brasileiro, para que a gente possa tirar proveito da extensão territorial do Brasil. E quando tiver excesso de água num lugar, a gente pode transportar energia para outro, para que a gente não sofra nenhum prejuízo.

Então, este país está sendo construído para dizer aos investidores brasileiros, ao povo brasileiro e aos investidores estrangeiros que o problema de energia no Brasil não existirá mais. E quando eu disse agora que veio a Bolívia para nos dar esse exemplo, é porque até 1996, governador Paulo Hartung e governador Aécio Neves, o Brasil não produzia praticamente muita energia e não tinha quase nenhuma indústria que funcionava a partir do gás.

Nós tínhamos o diesel e nós tínhamos a energia elétrica, tínhamos um pouquinho de biomassa, não tinha nada de eólica ainda, mas a gente funcionava até 1996. De repente, por conta de um contrato que não era apenas energético, é importante lembrar que historicamente o contrato e a discussão feita com a Bolívia começou desde 1937, passou pelo governo Geisel e foi concluída, a sua discussão, no governo do presidente Fernando Henrique Cardoso. O Bill Clinton era o presidente dos Estados Unidos. E não era apenas um projeto energético, era um projeto de combate ao narcotráfico na região, era um projeto que visava, cada país fazia uma parte, o Brasil, então, resolveu fazer o gasoduto, que era interessante para o Brasil, porque a Bolívia tinha gás.



E ficamos, hoje, uma parte da produção industrial brasileira, sobretudo no estado de São Paulo, táxis em São Paulo e no Rio de Janeiro, dependentes do gás. Só que algumas pessoas se esqueceram que o gás não era nosso, se esqueceram que o gás pertencia a outro país. E como um país soberano, tem o direito de tomar a decisão que bem entender sobre as riquezas do seu solo e do seu subsolo. E não é nenhuma novidade o que aconteceu na Bolívia.

É importante lembrar que em 1958, no Brasil, aconteceu estatização com o Brizola; depois aconteceu com o Getúlio Vargas como presidente; aconteceu no Chile, com Allende; aconteceu na Argentina, com Perón; aconteceu no Peru, com o Velasco Alvarado; aconteceu no México, aconteceu no Irã, aconteceu no Iraque, aconteceu na Líbia, aconteceu em quase todos os países que dependem daquela riqueza, e aconteceu com o Brasil.

Nós somos donos de 51% do nosso petróleo e não abrimos mão. Ninguém aqui está disposto a abrir mão. Então, houve um problema, que não é um problema de agora. Os mais experimentados em leitura de jornais sabem que foi por conta do gás que caiu o presidente Sánchez de Lozada, na Bolívia, sabem que em 2004 foi feito um plebiscito e, numa pergunta se o gás deveria ser estatizado, 92% dos votos do povo boliviano foi para estatizar, portanto, não tinha ninguém inocente, todo mundo sabia que tinha uma lei que exigia que houvesse a estatização. E o que eles fizeram? Eu tive a oportunidade, governadores e companheiros aqui presentes, de ter uma reunião de quatro horas antes com o Presidente da Argentina, que também depende de gás, com o Chile, que depende de gás, com o presidente Chávez, que é e pode ser um grande exportador de gás, e com a Bolívia, para que a gente pudesse ter um entendimento.

Primeiro, eu acho que a Bolívia tem o direito de tomar a sua decisão soberana, como eu acho que a Petrobras tem que ter o direito de exigir o pagamento pelo investimento que ela fez, como eu acho que a Bolívia tem o direito de pedir um preço justo pelo gás, e como eu acho que o Brasil tem que



defender os interesses dos preços justos para os seus consumidores. É essa a regra do jogo.

Ontem, me perguntavam assim: “a Petrobras vai continuar investindo na Bolívia?”. Eu dizia: a Petrobras é uma empresa e, como empresa, ela investirá em qualquer lugar do mundo que lhe permita investir e ter o retorno do seu capital investido e mais um lucro. Essa é a lógica de uma empresa privada, fazer investimentos, e ninguém investe mais no estrangeiro do que a Vale do Rio Doce. Essa é a lógica. A Vale não vai investir – e agora quer investir – no Gabão ou em Moçambique para ter prejuízo, a Vale quer investir para dar lucro. E se amanhã tiver um problema naquele país e tentarem causar um problema a ela, ela vai para Justiça para rever aquilo que foi investimento dela.

Bem, essa história do gás me chamou a atenção para duas coisas: primeiro, o Brasil não precisa ficar dependente do gás. O Brasil é um país que tem condições de estabelecer a sua matriz energética sem precisar ficar dependendo de ninguém. Para isso, é preciso que a gente trabalhe e trabalhe mais forte, porque nós temos capacidade de produzir agroenergia como ninguém no mundo. Eu disse no domingo, num pronunciamento na televisão, que o Brasil será o maior produtor de agroenergia do mundo e somos imbatíveis, seja no bagaço da cana, seja no biodiesel, seja na produção de álcool, seja na produção de gás, porque também nós ainda investimos pouco na pesquisa sobre gás: “Ah, tem gás barato lá na Bolívia, então vamos pegar lá, por que investir aqui?”.

E na questão energética tem uma coisa sagrada: um país que queira ser soberano não pode ficar dependendo de alguém, ele tem que construir as suas próprias bases. Primeiro, eu posso dizer a vocês: não acontecerá nada com os consumidores brasileiros porque eu não tenho dúvida nenhuma de que a Bolívia vai cumprir os contratos com o Brasil, não tenho dúvida nenhuma de que o gás não vai aumentar e, se aumentar, vai aumentar para a Petrobras e não para o consumidor brasileiro. Mas nós precisamos ter consciência de que



esse alerta, esse sinal amarelo que apareceu no cenário político da América do Sul, apenas nos lembra... Tem gente que ficava dizendo assim: “o presidente Lula tem que ser duro com a Bolívia”, porque tem gente que acha que só ser duro resolve o problema. Eu, às vezes, acho que ser carinhoso resolve mais do que ser duro.

E por quê? A Bolívia é o país mais pobre da América do Sul. Aqui deve ter empresário que conhece a Bolívia. É muito pobre, eles só têm o gás e é justo que eles queiram tirar do gás uma fonte de enriquecimento para eles. O Brasil, perto da Bolívia, é um país rico. Nós temos tecnologia, temos capital para investimento, fizemos investimento, nós queremos continuar utilizando o gás da Bolívia e, se amanhã a Bolívia não quiser, vamos procurar outros caminhos, até porque nós não queremos que ninguém obrigue o Brasil a vender para quem quer que seja, aquilo que é nosso. Nós também não podemos obrigar os outros.

Estamos pensando, meu caro Eliezer, num sonho, todo grande sonho, muitas vezes, parece maluco. Eu me lembro de quantos projetos o professor Eliezer apresentou neste país e as pessoas diziam: “não, o Eliezer vai apresentar um mega-projeto”. Aquilo que parecia grande, impossível de ser feito 30 anos atrás, hoje nós estamos percebendo que não é tão grande e aquilo que parecia impossível era apenas um pouco mais difícil. Nós estamos pensando em construir um gasoduto interligando toda a América do Sul, passando pelo Brasil, ligando a Amazônia, o Nordeste, até chegar na Argentina, até chegar ao Chile. É um megaprojeto de quase oito mil quilômetros de gasoduto, e nós sabemos que não é um projeto para uma década. Mas eu tenho, nesse projeto, a impressão que será, depois da Muralha da China, o maior projeto já feito, mais ou menos do tamanho do gasoduto que interliga toda a Europa.

E se nós quisermos pensar que a América Latina vai ser uma região desenvolvida no século XXI, ou nós pensamos grande, como disse o Eliezer,



ou nós ficamos pensando pequenininho e sempre iremos continuar a ser um país pequenininho.

Por isso, é uma alegria imensa estar aqui inaugurando uma hidrelétrica feita pela Vale do Rio Doce e pela Cemig. É uma alegria saber que o Brasil dispõe de mais algumas centenas de megawatts, que vai poder oferecer mais garantia de energia. Só que a Vale consome quase tudo, porque também a Vale, ela produz e ela mesma come. O Aécio gosta, porque também vai muito imposto para Minas Gerais, eu não sei quanto vai para o Espírito Santo.

Mas, de qualquer forma, é um marco, e sabe o ministro Silas Rondeau... ontem eu vinha no avião com ele e com o José Sérgio Gabrielli, e eu disse para eles: nós não temos tempo a perder, nós vamos tratar a Bolívia negociando com a Bolívia. Eu até brinquei outro dia, no encontro da OIT: não pensem que eu vou fazer com a Bolívia o que os americanos fizeram com o Iraque. Não vou. Nada de guerra, porque eu sou da paz e aquele povo lá é um povo muito pobre, que precisa de ajuda. Se vocês conhecerem alguém pobre aqui, lá é mais pobre do que aqui. Então, eles precisam de ajuda e não de arrogância. E nós também precisamos de respeito e precisamos de consideração.

Eu disse ao presidente Evo Morales: não precisava ter mandado o Exército cercar a Petrobras, porque nós temos endereço, temos residência fixa. Então, essas coisas nós precisamos tratar com muito respeito. Eu acho que nós vamos resolver isso negociando, sem bravata, porque toda guerra começa quando um fala uma bravata, outro fala outra, aí falam muita bobagem e não têm como voltar atrás. Eu conto até dez antes de falar certas coisas.

Eu digo sempre o seguinte, Aécio: eu estou há três anos no governo e não consegui brigar com o Bush, que é aquela potência, por que eu vou brigar com a Bolívia? Não tem sentido. Nós temos é que fazer um acordo. O Brasil precisa do gás deles e eles precisam do Brasil, porque o Brasil é o grande consumidor deles. E nós haveremos de, numa mesa de negociação, aqui, neste estado de Minas Gerais, que é tido como um estado que criou um povo



negociador... o único que não foi tão negociador foi o Tiradentes e por isso pagou com a vida, e a gente conquistou a nossa independência. Mas, de qualquer forma, vai ser negociando que nós vamos encontrar o equilíbrio que atenda aos interesses da Bolívia, que atenda aos interesses do Brasil.

Mas, independentemente disso, nós vamos trabalhar como nunca trabalhamos, já que entramos na auto-suficiência do petróleo, para sermos auto-suficientes em outras matrizes energéticas que nós precisamos porque, aí sim, o Brasil se apresentará ao mundo com muito mais soberania, com muito mais grandeza e com muito mais capacidade de atrair investimentos para o nosso país.

Meus parabéns, Roger, meus parabéns, Paulo Hartung e Aécio Neves. Mas, sobretudo, eu queria dizer que não poderia ter homenagem melhor do que dar à hidrelétrica o nome deste magnífico pensador estratégico do Brasil, Eliezer Batista. Meus parabéns pelos seus 80 anos de aniversário.

Queria lembrar, Paulo Hartung, você e o Aécio ficaram disputando qual o estado que vai atender a demanda do Luz Para Todos até o final. Quero dizer o seguinte: não são só vocês, não. Nós temos para este ano, até o final do ano, Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, Rio Grande do Norte, Pernambuco, Rio de Janeiro, Minas Gerais e Espírito Santo. Eu vou telefonar para os governadores, dizer que vocês estão dizendo que vão ser os primeiros, para que eles sejam os primeiros e, se vocês quiserem ser os primeiros, vão ter que trabalhar mais rápido.

Para o próximo ano nós temos São Paulo, Goiás, Roraima e Sergipe, e até 2008, se Deus quiser, este país terá cumprido o seu compromisso, porque sabe o Aécio, sabe o Paulo Hartung, sabemos todos nós, sabe o Silas e sabe o Djalma Moraes, que quando chega uma luz elétrica na casa de um cidadão que nunca teve luz elétrica, nós o estamos tirando do século XVIII e o levando diretamente para o final do século XIX. Estamos tirando-o das trevas e o colocando, na verdade, na civilização.



É por isso que nós achamos que todos têm direito. Esses dias nós fomos inaugurar uma comunidade indígena no Rio Grande do Sul, 7 mil índios, e além de ligarmos todas as casas – e cada ligação custou 5 mil e 600 reais e é de graça –, ainda demos uma rádio comunitária, Paulo Hartung e Aécio, para que o cacique possa falar mal de mim o tempo que ele quiser lá, sem que eu possa protestar.

Um abraço, meus parabéns a Minas, ao Espírito Santo e à Vale do Rio Doce.